

Fratura íntima

Cinthia Busato

Em *O seminário, livro 10: a angústia*¹, ao falar sobre inibição e impedimento, Lacan nos diz que no mesmo movimento em que o sujeito avança para o gozo, isto é, para aquilo que está mais distante, ele se depara com sua fratura íntima, muito próxima, por ter se deixado apanhar, no caminho, em sua própria imagem. Etimologicamente, *impedicare* significa ser apanhado em uma armadilha. Neste seminário Lacan afirma: "Indico-lhes desde já que a armadilha de que se trata é a captura narcísica"².

Nestes tempos de culto à imagem, de elogio desenfreado a Narciso, nos quais os sujeitos podem ter à mão, garantidos pelo mercado, todos os objetos, impedimentos de todas as espécies nos cercam: impedimento do desempenho escolar, do comer (anorexia), de sair de casa (agorafobia), impedimento de trabalhar, de estruturar relações íntimas, impedimentos generalizados (depressão), etc. Não que estes impedimentos não existissem em todos os tempos, mas agora eles estão em níveis alarmantes. E mais, eles foram incorporados ao discurso público e farmacológico, que baniu o que há de mais essencial ao sujeito: falar, mostrar a fratura íntima de todos nós.

Um dos efeitos do discurso capitalista é transferir para os sujeitos, não a responsabilidade por seus impedimentos, mas a culpa. Se eles não podem comprar o último modelo de X é porque não têm capacidade para isso, já que todos podem, e devem, conseguir adquirir esses *gadgets* cintilantes. Não há mais sistemas de classes diferentes, e sim uma uniformização ilusória ditada por um mercado ávido por consumidores. A minha hipótese é que este

discurso joga ácido na "fratura íntima", ampliando-a até não haver véu que a recubra, colocando o sujeito em um "beco sem saída" no que concerne à via da simbolização. A saída possível passa a ser pela via imaginário/real do corpo.

Quando digo "beco sem saída", não pretendo um tom alarmista, tipo: "estamos no pior momento do desenvolvimento da humanidade, onde vamos parar?". Mesmo porque acho que toda época tem seu próprio "beco sem saída", e já sabemos que se encontrou uma saída. Imaginem o horror da época da peste, os efeitos nas relações, no dia a dia. Naquele momento a saída foi uma atenção maior à higienização. E a inquisição? O holocausto? Passados todos estes eventos, temos efeitos causados para elaborar as faltas que eles delataram. Claro está que não estamos num mundo de acúmulo linear de progressos garantidos. Nós, psicanalistas, sabemos dos efeitos do gozo e do sujeito dividido. Por isso, acho que essa declaração de Lacan me capturou, a noção mesma de "fratura íntima", algo que "não tem remédio nem nunca terá". Não há remédio que cure, e Lacan já aponta para isso com a noção de "saber-fazer" com o sintoma.

O essencial desse "impedimento" mencionado anteriormente, não é aquilo que está mais aparente - isto é, o impedimento do movimento em direção a - mas, o fato de que é o sujeito quem fica impedido, o sujeito do inconsciente e do desejo. Afinal, inconsciente e desejo são expressões da fratura íntima, e o acesso a ela se encontra impedido:

A armadilha que se trata é a captura narcísica. A captura narcísica introduz quanto ao que se pode investir no objeto, na medida em que o falo continua auto eroticamente investido. A rachadura que resulta disso na imagem especular vem a ser, propriamente, o que dá respaldo e material à articulação significante que no outro plano, o simbólico, chamamos de castração³.

Claro, se não houvesse "resto" desta imagem, não haveria nem inscrição simbólica e tampouco o investimento libidinal fálico. O sujeito, tal qual Narciso, ficaria para sempre preso à sua imagem, sem conseguir investir em nenhum objeto do mundo. "É que Narciso acha feio o que não é espelho"⁴ nos indica que a diferença é feia e sem atrativos.

A elaboração da castração é uma possível saída desta armadilha. Podemos dizer, com Lacan, que a entrada é a captura narcísica, a captura pela imagem, pois aí "colamos" e calamos o *isso* com uma imagem, num efeito de sentido norteador de nosso discurso, desde sempre falho. Pois, na imagem finita, não cabe o infinito da fala nem o indizível do real.

Mas, a elaboração da castração está diretamente ligada à possibilidade de inscrição não só de uma ordem simbólica, mas a de um sujeito nesta ordem. Para compreendermos melhor, vamos nos ater às indicações de Lacan com referência aos três tempos do Édipo.

Primeiro tempo: o que a criança busca como desejo de desejo, é satisfazer o desejo da mãe, ser o objeto do desejo dela. Então, ela se identifica especularmente com aquilo que é o objeto do desejo de sua mãe.

Essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo, do discurso e da lei. Mas a criança, por sua vez, só pesca o resultado. Para agradar à mãe, [...] é necessário e suficiente ser o falo⁵.

Segundo tempo: no plano imaginário o pai intervém efetivamente como privador da mãe, o que significa que a demanda endereçada ao Outro "será encaminhada a um tribunal superior, se assim posso me expressar"⁶. É neste tempo no

qual Lacan localiza o que chama de "ponto nodal" deste processo, a saber, a castração da mãe. Cito Lacan:

É na medida em que a criança não ultrapassa este ponto nodal, isto é, não aceita a privação do falo efetuada na mãe pelo pai, ela mantém em pauta [...] uma certa forma de identificação com o objeto da mãe, este objeto que lhes apresento desde a origem como um objeto rival, para empregar a palavra que surge aí, e isto ocorre quer se trate de fobia, de neurose ou de perversão⁷.

Aqui o objeto em questão é o falo imaginário já negativizado, mas não apaziguado pela simbolização da lei do pai. Ainda se trata do falo absoluto do pai onipotente, aquele que priva. Um pai assustador, que é o falo.

O terceiro tempo: o pai pode dar à mãe o que ela deseja, porque o possui. Aqui o pai é um pai potente, que tem o falo, símbolo de potência. Não mais o pai que é o falo. É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu.

Nesses tempos de declínio do Nome-do-Pai, como realizar este terceiro tempo do Édipo? Se tamponamos a nossa fratura íntima, tamponando a falta constituinte, ou seja, a castração da mãe, como estamos resolvendo estas questões na contemporaneidade?

Desde o primeiro tempo já temos a ordem simbólica, pois esta sempre precede o sujeito. O que se dá neste processo de três tempos é a inscrição de um lugar para o sujeito nesta ordem, um lugar intermediado pela lei, portanto mais apaziguado frente à devastação do sem-lei do feminino, ao implacável do gozo.

Só se atinge o Outro agarrando-se ao objeto a, causa do desejo. É na vestimenta da imagem de si, que envolve o objeto causa do desejo, que a relação objetal se sustenta.

A afinidade do a com seu envolvimento é uma dessas articulações maiores que foram adiantadas pela

psicanálise. É para nós o ponto de suspeição que ela introduz essencialmente⁸.

A suspeição é o ato de lançar suspeita, de desconfiar. À psicanálise cabe, essencialmente, manter esta suspeição, essa desconfiança, que é nossa via de acesso ao real lacaniano. Lacan segue afirmando que só se poderia escrever o real por um impasse da formalização e, neste mundo de horror aos impasses da formalização, nesse mundo de saberes constituídos, do objeto adequado, cabe ao psicanalista continuar desconfiando do discurso standartizado.

O imaginário presentifica, sob as espécies do objeto a, a falta constitutiva do sujeito, na medida em que ele é sujeito de um corte na cadeia significante. "Em outras palavras: passamos do imaginário como irrealidade do objeto para o imaginário como representante da incompletude do sujeito"⁹, diz Lacan no Seminário 20. Neste momento não corremos o risco de passar da irrealidade do objeto à sua realidade concreta, via objetos do mercado, do discurso capitalista?

Esta afirmação de Lacan me remete a minha hipótese inicial, na qual o discurso capitalista e o científico, que se dirigem a uma completude suposta possível, jogam ácido nesta fratura íntima, pois negam o que há de mais essencial no ser humano tocado pela linguagem, portanto para sempre incompleto, sem garantias do ser. O ácido ao qual me refiro impossibilita ao sujeito de se dirigir ao impossível da relação sexual, e com isso inventar um nome próprio. Nosso nome comum é fratura íntima e se podemos fazer laço social é por este nome, mas precisamos cunhar um nome próprio para sairmos da beira deste abismo.

Termino com uma citação de Lacan no Seminário Mais, ainda, de 1972:

O que sustenta a imagem é um resto. A análise demonstra que o amor é narcísico em sua essência e

denuncia que a substância pretensamente objetual, palavrório, é de fato aquilo que, no desejo, é resto, a saber, sua causa, e o sustentáculo de sua insatisfação, véu de sua impossibilidade¹⁰.

Penso na pergunta de Romildo do Rêgo Barros: "Como praticar a psicanálise numa época em que a cifração busca recobrir todos os espaços da existência, e se constituir em garantia do ser?"¹¹. Aposto na direção da manutenção da fratura íntima, com todas as invenções possíveis advindas dela.

¹ Lacan, J. (2004[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

² Idem. *Ibidem*, p. 19.

³ Idem. *Ibidem*.

⁴ Veloso, C. "Sampa".

⁵ Lacan, J. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 198.

⁶ Idem. *Ibidem*.

⁷ Idem. *Ibidem*, pp. 191-192.

⁸ Idem. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 125.

⁹ Kaufmann, P. (1996[1993]). *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 263.

¹⁰ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*, p. 125.

¹¹ Rêgo Barros, R. (2010). "Comentário sobre o curso de JAM". In VEREDAS, lista eletrônica da EBP.